

# Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



**Instituto Estadual do Patrimônio Cultural**  
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação  
**Fazenda Sant'Anna**

código  
AVI - FO1 - SMM

localização

situada na estrada que segue em direção ao centro de Santa Maria Madalena, a partir do entroncamento das rodovias RJ-174 e a RJ-182

município

**Santa Maria Madalena**

época de construção

**segunda metade do século XIX**

estado de conservação

**detalhamento no corpo da ficha**

uso atual / original

**fazenda de gado / fazenda de café**

proteção existente / proposta

**nenhuma**

proprietário

**particular**



fonte: IBGE - Conceição de Macabu



Fazenda Sant'Anna, casa-sede

coordenador / data **Valentim Tavares – jun 2010**  
equipe **Valentim Tavares, Priscila Oliveira e Margareth Dias**  
histórico **Roberto Grey**

revisão / data  
**Thalita Fonseca – ago 2010**



situação



ambiência

A Fazenda Sant' Anna está localizada num vale entre a Serra dos Seixas e a Serra da Boa Fé, e o acesso à propriedade é feito por um percurso de 20,2 km de extensão, o qual tem início no km 48 da estrada Madalena-Carapebus – rodovia RJ-182 –, partindo de Santa Maria Madalena (f01).

Outro acesso possível à fazenda é a partir de Trajano de Moraes, percorrendo 19,65 km da rodovia RJ-174 até o trevo no km 22, onde se encontra a entrada da RJ-182. Seguindo nela por 2,15 km, chega-se à estrada de chão com 640 m de extensão que conduz até a sede.

Da segunda porteira, avista-se, em frente, a pequena elevação recoberta de vegetação arbórea que oculta a implantação do conjunto da sede (f02). Nesse platô, orientado para noroeste, está o antigo terreiro de café, que hoje se encontra repleto de arbustos, à frente do casarão (f03 e f04).



01



02



03



04

Junto a estes foram construídas uma quadra e uma piscina (f05 e f06). Pelo lado direito, há uma passagem para veículos (f07) limitada por uma encosta, onde está o pomar, e que leva à garagem nos fundos (f08). Aos fundos, encontram-se, ainda, um paiol (f09), um pátio coberto para grãos e o acesso de serviço (f10) que conduz a um pátio interno delimitado pelo bloco da antiga cozinha e senzala (f11), pelo anexo com suítes (f12) e pelos fundos do casarão. Ainda na parte posterior do terreno, uma estreita faixa de vegetação arbórea se estende sobre o aclive até se ligar à faixa de preservação na Serra do Seixas.



05



06



07



08



09



10



11



12

Mais afastado, à direita da sede, está o conjunto composto pela cocheira e curral (f13 e f14); o correr de casas de colonos, com seu telhado mansarte de telhas capa e canal e paredes de pau a pique (f15, f16 e f17); o antigo engenho e as ruínas da ceva. Atrás do curral, existem ruínas em pedra de edificações não identificadas, bem como vários muros que cercam parcialmente o local, qualificando-o como o antigo complexo produtivo da fazenda.

À esquerda, a continuação da estrada de chão é atravessada por um dos tributários do Córrego Sant'Anna, onde, à direita, se veem as bases dos pilares do antigo moinho (f18). Seguindo cerca de 300 m é possível alcançar um açude e, adiante, a Fazenda Chalé, que teria sido desmembrada da Fazenda Sant'Anna<sup>1</sup>.



13



14



15

<sup>1</sup>Informação oral obtida durante entrevista com a Sra. Mônica Cruz Dias, que relatou o nascimento do seu avô na Fazenda Chalé.



16



17



18

A casa sede, de planta retangular e com pátio interno, foi construída em dois pavimentos, sobre um ligeiro aclive que limita a extensão do pavimento inferior.

Suas fachadas preservam a simetria e o ritmo regular imposto pelas esquadrias em madeira (f19), com janelas duplas de guilhotinas externas pintadas em branco, folhas almofadadas cegas de abrir internas, além de frisos em branco e pintadas em azul. Da mesma cor são pintadas as cercaduras, com vergas retas ornadas com sobrevergas acompanhando sua forma (f20) e portas no pavimento inferior com desenho semelhante ao das janelas, com duas folhas cegas de abrir (f21).



19



20



21

A fachada frontal apresenta cinco portas e dois óculos para ventilação (f22) fechados com grades de ferro batido e posicionados um de cada lado da porta central. Na fachada lateral esquerda, em sua porção inferior, um grande vão fechado por um portão recente em treliça de madeira descaracteriza o conjunto (f23). Na mesma lateral encontra-se um terraço elevado, com acesso ao pátio gramado por escada, que se comunica através de uma porta com o interior da casa, onde está instalado um sino de bronze (f24).

As paredes são de pau a pique, pintadas externamente em branco, assim como os pilares angulares (cunhais), em alto-relevo, com base simples e frisos de arremate superior (f25 e f26). Estes últimos percorrem todas as fachadas e se ligam à cimalha, que se integra ao beiral encaixotado, e são pintados intercaladamente em azul e branco.



22



23



24



26



25

O beiral encaixotado oculta todo o madeiramento do telhado de quatro águas, deixando à mostra apenas a ponta das telhas capa e canal, sem nenhuma calha. Em uma dessas telhas, reconhece-se a gravação de uma data que, possivelmente, faz referência à fundação da fazenda (f27).

O pavimento inferior da sede foi o que sofreu as maiores alterações, iniciadas com uma reforma cuja intenção era transformar a propriedade em uma pousada, empreendida pelos avós da atual proprietária (sem data precisa).

Na área voltada para a fachada frontal, que anteriormente parece ter abrigado uma loja ou depósito, foram construídas suítes nas extremidades, sendo mantida uma área central formando um salão, onde está o acesso principal ao pavimento superior. Este ocorre através de escada central, e os ambientes se comunicam com uma grande circulação transversal, acessada pelo portão de madeira treliçada na fachada nordeste (f28). Acredita-se que, originalmente, esse vão funcionava como entrada de carroças, o que sugere o antigo uso do pavimento inferior como depósito ou armazém.

Tal circulação conduz a um espaço onde foi iniciada a montagem de uma recepção (f29), com dois banheiros adjacentes ventilados através da fachada sudoeste. A recepção fica voltada para a base do pátio interno (f30 e f31). Neste há uma escada central (f32) que conduz à atual cozinha no pavimento superior.



27



28



29



30



31



32

No pátio interno, há uma passagem coberta com um telhado de duas águas que interliga a cozinha do casarão com o bloco da antiga cozinha. Em um dos lados do pátio, uma porta dá acesso a dois quartos com banheiro. No teto de todo o pavimento térreo, mantiveram-se aparentes os barrotes de madeira que sustentam o assoalho. O piso neste pavimento foi completamente alterado, tendo sido aplicado, no salão frontal e no corredor, um cimentado liso marcado em mata-junta; na recepção foram colocadas lajotas de cerâmicas rústicas; nos quartos, onde houve a maior descaracterização, foram colocados pisos cerâmicos decorados sem nenhuma relação com o restante do ambiente. O piso de todo o pátio é em pedra: ali foi encontrado um antigo pilão de pedra (f33). No segundo pavimento, as paredes têm sua face interna pintada na cor branca. As portas internas têm duas folhas de abrir almofadadas, com bandeiras envidraçadas, tendo recebido pintura de acabamento na cor creme, assim como a face interna das janelas.

Alguns ambientes neste pavimento superior, como as salas de jantar (f34), de almoço, de visita, de estar (f35 e f36), o *hall* e alguns dos quartos (f37), estão mobiliados e ainda preservam algum mobiliário e lustres (f38). Próxima à sala de TV, uma modificação recente abriu uma circulação que liga o pavimento ao bloco de suítes anexo. Os banheiros próximos à cozinha, bem como o lavabo e os banheiros próximos à sala de TV, também foram modificados recentemente, adotando um padrão construtivo bastante inferior e pouco coerente com o restante da construção.



33



34



35



36



37



38

Todo o piso do pavimento superior é de assoalho de madeira, com rodapés em argamassa pintada numa cor imitativa de madeira (f39). O teto ainda preserva o forro original, que é pintado na mesma cor das esquadrias. Não há registro de qual tenha sido a utilização original do bloco anexo onde estão as suítes: suas paredes externas em pau a pique e sua cobertura de quatro águas parecem ter sido mantidas, com exceção do corredor de ligação entre este bloco e o casarão. A divisão interna dos cômodos foi completamente alterada para abrigar o novo uso que, além de alguns quartos, inclui uma pequena estrutura de apoio.

Na face externa, voltada para o pátio interno de serviço, foram usadas esquadrias que não se integram às demais (f40); nas aberturas voltadas para nordeste foram mantidas as guilhotinas externas das janelas, porém as folhas internas foram substituídas por folhas enrelhadas, diferindo tipologicamente das demais, mantendo, entretanto, a linguagem do conjunto (f41). No teto, foi utilizado forro de PVC, e no piso, cerâmica decorada, descaracterizando esses ambientes.

O bloco de serviço (antiga cozinha e senzala), assim como as demais construções, tem paredes de pau a pique e telhado de quatro águas, com beiral encachorrado no trecho voltado para o pátio de serviço (f42, ver f11).

O ambiente de acesso a esse bloco é a cozinha, que tem o madeiramento do telhado aparente e os vãos vedados com um gradil de madeira, garantindo assim plena e contínua ventilação. Ali estão preservados o fogão a lenha, pilão de grãos, tachos de cobre para confecção de doces e torrefação de café, além de outros utensílios antigos.

Nesse bloco existem ainda grandes ambientes utilizados como depósitos – um deles onde funcionou a antiga senzala – e onde foram construídos banheiros. À exceção da cozinha, foram utilizados os mesmos materiais de revestimento que no bloco de suítes.



39



40



41



42

Na última reforma ocorrida<sup>2</sup> a Fazenda sofreu modificações para adaptá-la à atividade de hotel-fazenda, as quais foram interrompidas antes de sua conclusão. Essas intervenções não chegaram a ser visíveis externamente no casarão e nos blocos anexos. De maneira geral, a maior mudança foi de cunho interno, no pavimento inferior, no bloco anexo de suítes e na antiga cozinha e senzala. No pavimento superior do casarão, as modificações ocorreram somente nos banheiros e na cozinha.

O casarão, bem como as demais edificações, apresenta severos danos devido à ação da água, seja por infiltrações do telhado – atacando forros, assoalhos e paredes –, seja pela umidade, que sobe do solo por capilaridade, através das fundações, ou, ainda, pela queda da água pluvial dos beirais diretamente sobre o chão, respingando nas paredes juntamente com a poeira do chão.

O constante respingar dessa água com sujeira sobre a fachada resulta no aparecimento de fungos e desprendimento do reboco, resultando no descascamento do revestimento e fragilização da estrutura das paredes (f43 a f46). Esses danos vêm sistematicamente sofrendo reparos paliativos e executados de forma incorreta, afastando cada vez mais a construção de sua aparência original.

Outra causa de deterioração das esquadrias é o ataque de cupins: em muitos locais as mesmas já estão deveras danificadas (f47 e f48).



43



44



45



46



47



48

<sup>2</sup>Segundo a atual proprietária, a última reforma foi realizada por sua avó, provavelmente entre as décadas de 1960 e 1970.

Outros animais cuja presença causa danos às edificações da fazenda são os morcegos, que ocupam o interior dos ambientes do pavimento inferior, e os pássaros, que fazem seus ninhos nos beirais e recantos da cobertura (f49).

Nas áreas externas em geral, especialmente no antigo terreiro de café, é visível o avanço da vegetação (f50, f51 e ver f03). No pátio interno, observam-se algumas modificações incompatíveis com o estilo original da construção (f52). Geralmente, as estruturas edificadas na fazenda sofrem danos por má execução e/ou ausência de manutenção (f53), como no bloco anexo de suítes, onde as alvenarias executadas sem amarração nas paredes originais ocasionam o aparecimento de trincas (f54). Outro aspecto relevante são as instalações executadas de maneira provisória, as quais oferecem risco de ocorrência de sinistros (f55 e f56).



49



50



51



52



53



54

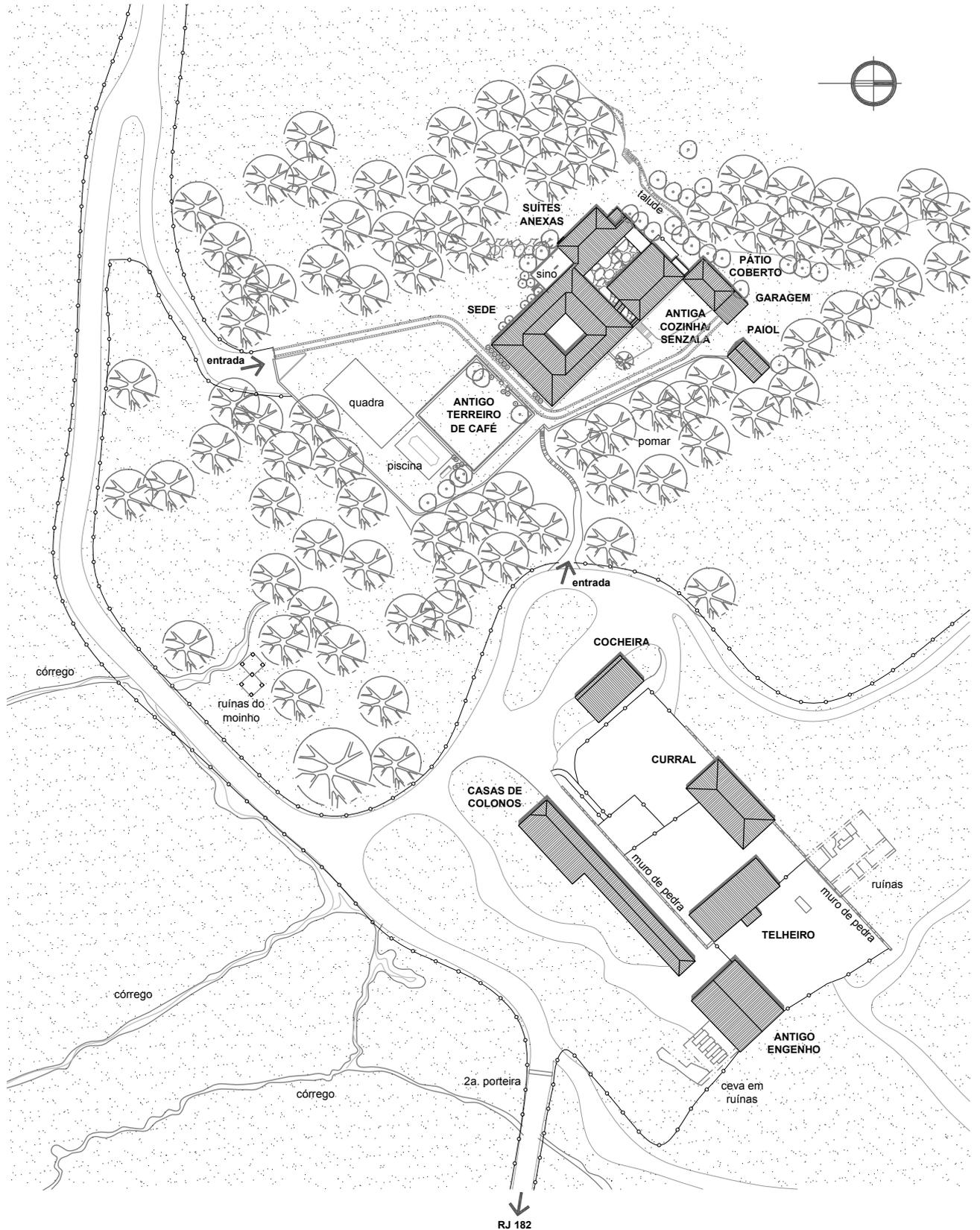


55



56

**FAZENDA SANT' ANNA**



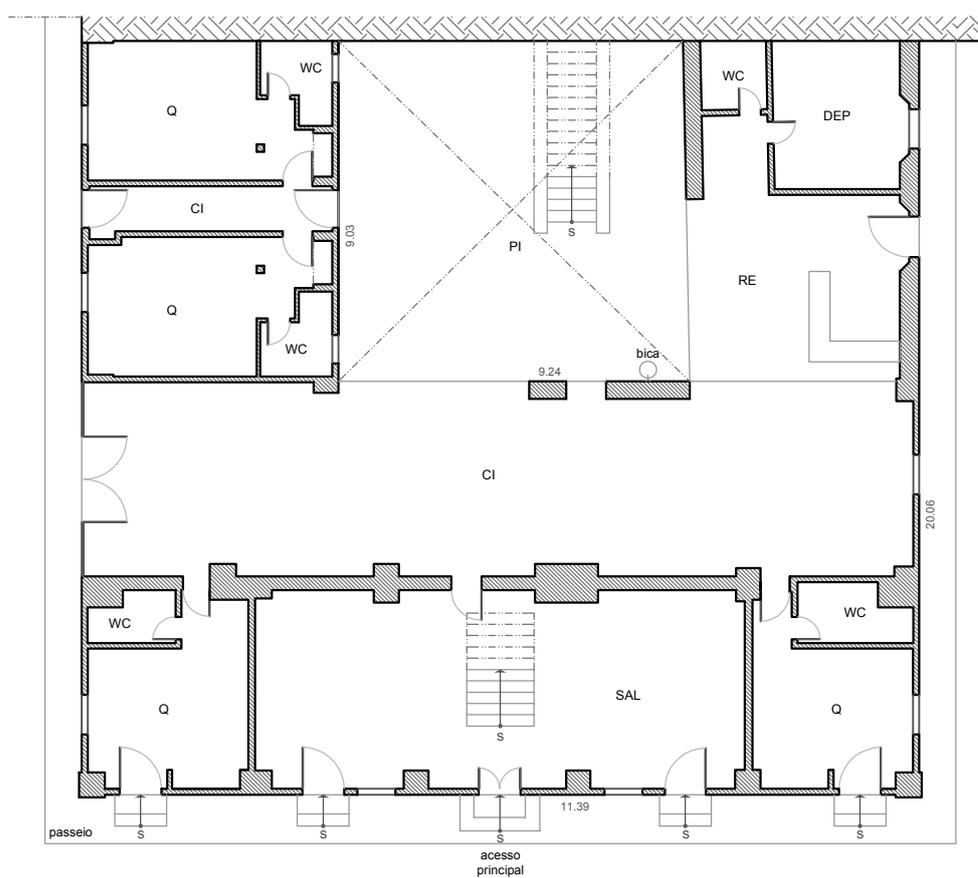
1

**Implantação**

escala: 1/1500



**FAZENDA SANT' ANNA**



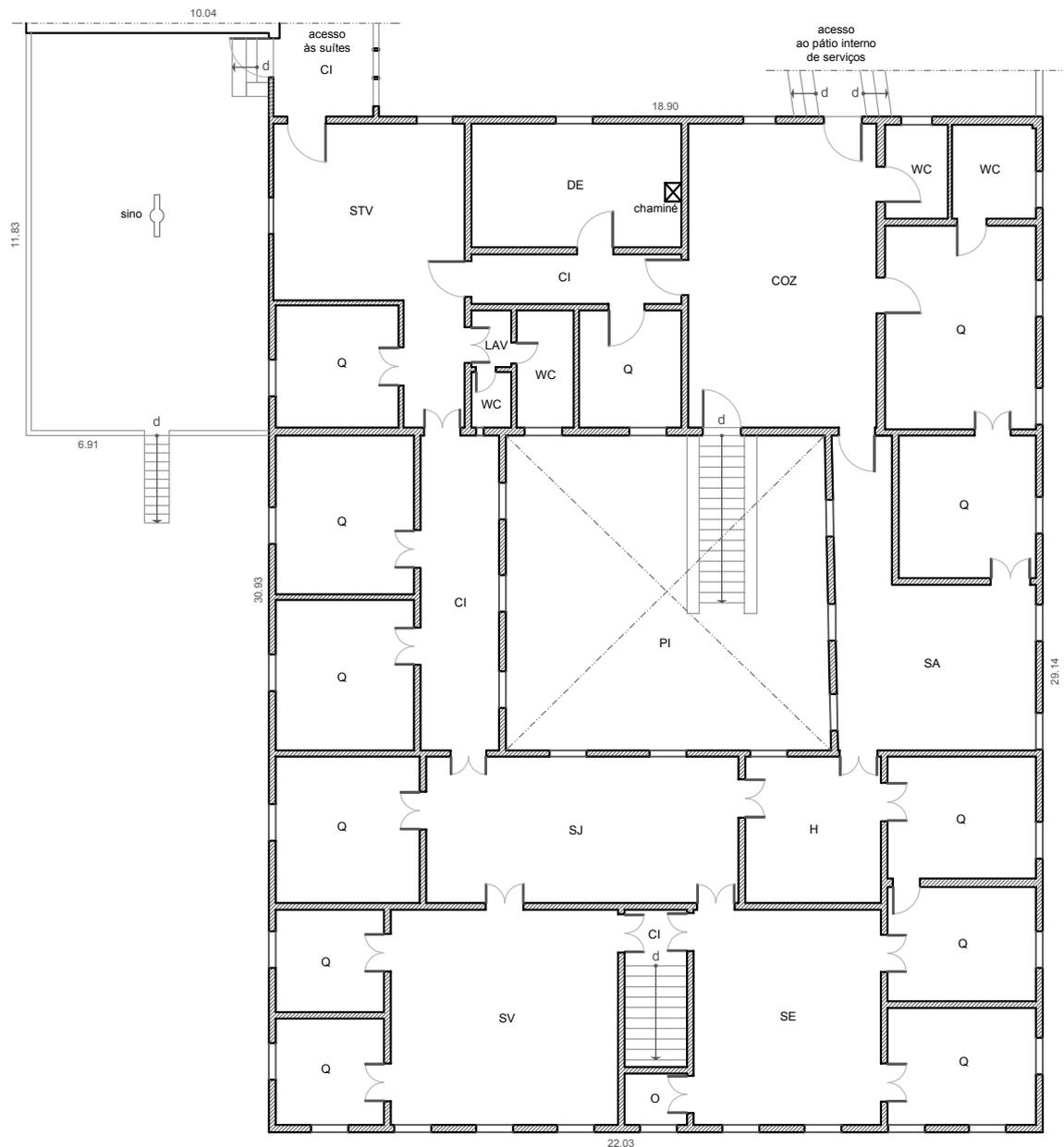
**1** Planta Baixa da Sede - Térreo  
escala: 1/200



CI - circulação    PI - pátio interno    RE - recepção    WC - banheiro  
DEP - depósito    Q - quarto    SAL - salão

▨ alvenaria existente  
▤ alvenaria demolida

**FAZENDA SANT' ANNA**



**1** Planta Baixa da Sede - 1º Pavto.  
escala: 1/200



CI - circulação	DE - despensa	LAV - lavabo	PI - pátio interno	SA - sala de almoço	SJ - sala de jantar	SV - sala de visitas	alvenaria existente
COZ - cozinha	H - hall	O - oratório	Q - quarto	SE - sala de estar	STV - sala de tv	WC - banheiro	alvenaria demolida

**FAZENDA SANT' ANNA**



**1** Planta Baixa do Anexo de Serviços  
escala: 1/200



AS - área de serviço    DEP - depósito    PI - pátio interno    S/U - sem uso  
CI - circulação    PA - pátio    Q - quarto    WC - banheiro

alvenaria existente  
 alvenaria demolida

A Fazenda Sant'Anna está localizada nas vertentes do Imbé, local que posteriormente ficou conhecido como Estação de Dr. Loreti. Inicialmente instalada em parte do município de São Francisco de Paula, mais tarde foi anexada ao de Santa Maria Madalena, e pode ser considerada uma das maiores sedes da região dentre as que se encontram em razoável estado de conservação.

Sua proprietária original foi a família Silva Freire, e o primeiro Silva Freire de que se tem notícia em terras de Cantagalo é Caetano da Silva Freire, natural de Piranga – MG, que ali chegou no final do século XVIII ao obter uma sesmaria no Córrego do Bom Sucesso, no Ribeirão Dourado.

Caetano veio a se tornar um dos fazendeiros mais prósperos da região, sendo um de seus descendentes o barão de Santa Maria Madalena, cuja sobrinha, Leocádia Freire, herdou a fazenda.

Em 1902, Leocádia, filha de Francisco Luís da Silva Freire e Maria Figueiredo Freire, se casou, aos 25 anos, com Alcides Moraes, então com 31 anos, bisneto da baronesa de Duas Barras e de seu primeiro marido, Antônio Rodrigues de Moraes.

Alcides era engenheiro mecânico e civil formado nos Estados Unidos, onde fora estudar junto com três primos. Segundo relatos de seu filho, o ex-deputado Francisco Freire de Moraes, o pai voltou para o Brasil totalmente identificado com os valores norte-americanos. Desinteressou-se pela agricultura, indo trabalhar em construtoras de estradas de ferro, como a Viação Baiana e a Viação Cearense. Mais tarde, tornou-se diretor da Estrada de Ferro Leopoldina.

O casal Alcides e Leocádia teve quatro filhos: Francisco, Maria do Carmo, Altair e Vladaír. Após o falecimento do pai de Leocádia e devido às dificuldades de uma profissão que o obrigava a deslocamentos constantes, Alcides abandonou a engenharia para se entregar à administração de Sant'Anna, propriedade de sua mulher.

Em 1933, em decorrência de dificuldades financeiras, provavelmente agravadas pela crise do café, o casal hipotecou a fazenda à Caixa Econômica do estado do Rio de Janeiro.

Após a morte de Alcides, em 1941, seu filho Francisco renovou a hipoteca e começou a pagar a dívida com o banco. Casou-se com Rita Leite de Abreu Freire de Moraes, de próspera família de fazendeiros que, com seus recursos, o auxiliou na liquidação da hipoteca.

Quando Leocádia morreu, deixou a sede e metade das terras da fazenda para seu filho, Francisco. A outra parte também lhe coube por conta do pagamento da hipoteca. Assim, ele se tornou dono da fazenda inteira, que possuía então mais de 500 alqueires. No entanto, resolveu ficar com a sede e 238 alqueires, dividindo o restante entre seus três irmãos.

Francisco e Rita não tiveram filhos. Herdeiro da tradição de duas importantes famílias, a Silva Freire e a Moraes, Francisco não poderia deixar de se envolver na política, que exercia com paixão, tendo cumprido quatro mandatos como deputado estadual, um deles na Constituinte Estadual de 1947, ocupando a Secretaria de Agricultura do estado do Rio por duas vezes e exercido a função de advogado e promotor público.

Elegeu-se também duas vezes prefeito de Santa Maria Madalena, com governos lembrados por suas muitas iniciativas. Seu amor por Sant'Anna o fazia gastar todos seus recursos na fazenda, cuja manutenção exigia o trabalho constante de onze empregados.

Francisco faleceu em 2005 e sua viúva, Rita, hoje tem mais de noventa anos. Ainda em vida, Francisco Freire de Moraes, doou a fazenda para Mônica Cruz Dias, neta de sua mulher, Rita, que ele considerava como sua própria neta.

A fazenda exerceu ativamente a atividade cafeeira até meados do século XX, quando foi interrompida. Atualmente, é habitada por Mônica Cruz Dias e seu marido, Nilton Francisco Dias Cruz, preservando a sede e as terras com recursos advindos da exploração da pecuária leiteira e de corte, certamente muito menores dos que dispunha o seu avô.

#### **Bibliografia:**

RAMOS, Lécio Augusto. *A História de São Sebastião do Alto 1786-1991; A Mesopotâmia Fluminense*. Editado pela prefeitura de São Sebastião do Alto, 1992.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *História de Família: Casamentos, Alianças e Fortunas*. Léo Christiano Editorial, 2008.

Genealogia Fluminense, Cantagalo, no Google.

Livros de Registro Paroquial de Terras de 1855-56 do Município de Cantagallo, no Arquivo Estadual (internet).

Entrevista com Sr. Bento Luís Lisboa.